

DON DELILLO

# Ponto ômega

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



Copyright © 2010 by Don DeLillo

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Point omega

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

Kristo/ Getty Images. Califórnia, 2007.

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Erika Nakahata

Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

DeLillo, Don

Ponto ômega/ Don DeLillo ; tradução Paulo Henrique  
Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Point omega.

ISBN 978-85-359-1844-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

11-03019

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

2006

FINAL DO VERÃO / INÍCIO DO OUTONO

# Anonimato

*3 de setembro*

Havia um homem parado junto à parede norte, quase invisível. As pessoas entravam em grupos de duas ou três e ficavam paradas no escuro e olhavam para a tela e depois saíam. Às vezes mal chegavam a passar da porta, grupos maiores que entravam a esmo, turistas atordoados, e olhavam e mudavam de posição e depois saíam.

Não havia assentos na galeria. A tela era uma estrutura solta, cerca de três metros por quatro, não ficava elevada, bem no meio da sala. Era uma tela translúcida e algumas pessoas, não muitas, permaneciam tempo suficiente para ir para o outro lado da tela. Permaneciam mais um instante e depois iam embora.

A galeria era fria, iluminada apenas pelo fraco brilho cinzento da tela. Junto à parede norte a escuridão era quase completa, e o homem que estava sozinho levou a mão em direção ao rosto, repetindo, muito devagar, o gesto de uma figura na tela. Quando a porta da galeria se abria deslizando e alguém entrava, vinha um pouco de luz refletida lá de fora, onde havia pessoas reunidas, a certa distância, examinando os livros de arte e cartões-postais.

O filme era projetado sem diálogos nem música, sem trilha sonora. O guarda do museu ficava junto à porta, e quando saíam as pessoas por vezes olhavam para ele, tentando olhar em seus olhos, buscando alguma espécie de compreensão que se afirmasse entre eles e validasse sua perplexidade. Havia outras galerias, vários andares, não tinha sentido permanecer numa sala isolada onde o que estava acontecendo, fosse o que fosse, levava um tempo infinito para acontecer.

O homem parado junto à parede ficou olhando para a tela e depois começou a se deslocar ao longo da parede adjacente até o outro lado da tela para que pudesse ver a mesma cena com a imagem invertida. Ele via Anthony Perkins estendendo a mão em direção à porta de um carro, usando a mão direita. Sabia que Anthony Perkins usaria a mão direita deste lado da tela e a esquerda do outro lado. Sabia disso mas precisava ver, e foi caminhando pela escuridão ao longo da parede lateral e então se afastou um pouco dela para ver Anthony Perkins daquele lado da tela, o avesso, Anthony Perkins usando a mão esquerda, a mão errada, para alcançar a porta de um carro e depois abri-la.

Mas seria correto dizer que a mão esquerda era a mão errada? O que tornava aquele lado da tela menos verdadeiro que o outro?

Veio um segundo guarda se juntar ao primeiro e os dois ficaram algum tempo falando em voz baixa enquanto a porta automática se abria e entravam pessoas, com crianças, sem crianças, e o homem voltou a seu lugar junto à parede, onde permaneceu imóvel, vendo Anthony Perkins virar a cabeça.

O menor movimento de câmara era uma alteração profunda no espaço e no tempo, mas naquele momento a câmara não estava se mexendo. Anthony Perkins está virando a cabeça. Era como os números inteiros. O homem podia contar as etapas do movimento da cabeça de Anthony Perkins. Anthony Perkins vira

a cabeça em cinco movimentos discretos e não num único gesto contínuo. Era como tijolos num muro, que podem ser contados com facilidade, e não como o voo de uma flecha ou um pássaro. Pensando bem, não era parecido com nada nem diferente de nada. A cabeça de Anthony Perkins rodando lentamente em torno do eixo do pescoço comprido e fino.

Apenas observando com muita atenção era possível perceber esse fato. Por alguns minutos a atenção do homem não foi dispersa pela entrada e saída de outras pessoas e ele conseguiu olhar para o filme com o grau de intensidade necessário. A natureza do filme permitia a concentração total e também dependia dela. O ritmo implacável do filme não tinha significado se a ele não correspondesse uma atenção equivalente, o indivíduo cujo grau absoluto de alerta não traía o que era exigido. Ele permanecia imóvel e olhava. No tempo que Anthony Perkins levava para virar a cabeça, parecia fluir uma série de ideias sobre ciência e filosofia e outras coisas inominadas, ou talvez ele estivesse vendo demais. Mas era impossível ver demais. Quanto menos havia para ver, mais ele olhava, mais ele via. A questão era essa. Ver o que está aqui, finalmente olhar e saber que se está olhando, sentir o tempo passando, estar vivo para o que está acontecendo nos menores registros do movimento.

Todos se lembram do nome do assassino, Norman Bates, mas ninguém se lembra do nome da vítima. Anthony Perkins é Norman Bates, mas Janet Leigh é Janet Leigh. Exige-se da vítima que tenha o mesmo nome que a atriz que a representa. É Janet Leigh que entra no motel isolado que pertence a Norman Bates.

Ele estava parado ali havia mais de três horas, olhando. Era o quinto dia seguido que ele vinha ali e era o penúltimo dia da instalação, que depois seria encerrada e levada para outra cidade ou guardada em um depósito obscuro em algum lugar.

Ninguém que entrava ali parecia saber o que o esperava e certamente ninguém esperava aquilo.

O filme original era projetado em velocidade lenta de modo que a exibição durasse vinte e quatro horas. O que ele estava vendo parecia ser cinema puro, tempo puro. O horror escancarado do velho filme de suspense era subsumido pelo tempo. Quanto tempo ele teria de ficar parado ali, quantas semanas ou meses, antes que o esquema temporal do filme absorvesse o seu, ou isso já teria começado a acontecer? Ele se aproximou da tela, colocando-se a cerca de trinta centímetros dela, vendo clarões e fragmentos estáticos, vislumbres de luz trêmula. Contornou a tela várias vezes. Agora a galeria estava vazia e ele podia posicionar-se em diferentes ângulos e graus de afastamento. Andou para trás olhando, sempre, para a tela. Compreendia perfeitamente por que o filme estava sendo projetado sem som. Era preciso que fosse mudo. Era preciso envolver o indivíduo numa profundidade além dos pressupostos normais, as coisas que ele supõe e presume e aceita sem questionar.

Voltou à parede norte, passando pelo guarda junto à porta. O guarda estava presente mas não contava como uma presença na sala. O guarda estava ali para não ser visto. Aquele era o seu trabalho. O guarda estava de frente para a beira da tela porém não olhava para nada, olhava para aquilo para o que olham os guardas de museu, seja lá o que for, quando uma sala está vazia. O homem junto à parede estava presente, mas talvez para o guarda ele não contasse como uma presença, tal como o guarda não contava para ele. O homem estava ali havia vários dias seguidos, durante períodos prolongados todos os dias, e de qualquer modo estava de novo junto à parede, na escuridão, imóvel.

Ele olhava para os olhos do ator deslocando-se lentamente em suas órbitas de osso. Será que se imaginava vendo com os olhos do ator? Ou eram os olhos do ator que pareciam examiná-lo?

Ele sabia que havia de ficar ali até que o museu fechasse, dentro de duas horas e meia, e depois voltaria na manhã seguinte.

te. Viu dois homens entrarem, o mais velho com uma bengala e um terno que parecia ter sido usado na viagem, o longo cabelo branco formando uma trança na nuca, talvez um professor emérito, talvez um estudioso do cinema, e o homem mais jovem com uma camisa esporte, jeans e tênis de corrida, o professor assistente, esguio, um pouco nervoso. Os dois se afastaram da porta e mergulharam na penumbra ao longo da parede adjacente. Ele ficou observando-os por mais um momento, os acadêmicos, cínéfilos, estudiosos de teoria do cinema, sintaxe do cinema, cinema e mito, dialética do cinema, metafísica do cinema, enquanto Janet Leigh começava a se despir para o banho de sangue que se seguiria.

Quando um ator movia um músculo, quando seus olhos piscavam, era uma revelação. Cada ação era dividida em componentes tão distintos da entidade que o observador se via isolado de toda e qualquer expectativa.

Todo mundo estava olhando para alguma coisa. Ele olhava para os dois homens, eles olhavam para a tela, Anthony Perkins, pelo olho mágico, olhava para Janet Leigh se despindo.

Ninguém olhava para ele. Aquele era o mundo ideal que ele talvez imaginasse. Não fazia ideia de como os outros o viam. Não sabia muito bem como ele próprio se via. Ele parecia o que sua mãe via quando olhava para ele. Mas sua mãe havia falecido. Isso levantava uma questão para estudantes de grau avançado. O que restava dele para os outros verem?

Pela primeira vez, não se incomodava por não estar sozinho ali. Aqueles dois homens tinham um bom motivo para estar ali e ele se perguntava se estariam vendo o que ele via. Mesmo se estivessem, tirariam conclusões diferentes, encontrariam referências numa ampla gama de filmografias e disciplinas. *Filmografia*. A palavra outrora o fazia recuar a cabeça como se para interpor uma distância antisséptica entre ele e ela.

Pensou que talvez quisesse cronometrar a cena do banho de chuveiro. Em seguida pensou que isso era a última coisa que ele queria fazer. Sabia que era uma cena rápida no filme original, menos de um minuto, era famosa por isso, e já assistira àquela cena prolongada ali alguns dias antes, toda ela reduzida a movimentos discretos, sem suspense nem terror nem o pulsar nervoso do pio da coruja. Os aros da cortina, era disso que se lembrava com mais clareza. Os aros da cortina do boxe rodopiando em torno da vara quando a cortina é arrancada, um momento que se perdia na velocidade normal, quatro aros rodopiando lentamente acima do vulto caído de Janet Leigh, um poema perdido acima da morte infernal, e depois a água com sangue formando um redemoinho no ralo do chuveiro, minuto a minuto, e por fim descendo.

Ele estava ansioso para ver aquilo outra vez. Queria contar os aros da cortina, talvez quatro, talvez cinco, um pouco mais ou um pouco menos. Sabia que os dois homens junto à parede adjacente também estariam assistindo com atenção. Sentia que eles tinham algo em comum, nós três, era isso que ele sentia. Era aquela rara sensação de camaradagem gerada pelos eventos singulares, mesmo que os outros não soubessem que ele estava presente.

Quase ninguém entrava na sala sozinho. Entravam em grupos, em esquadrões, arrastando os pés, parando por alguns instantes junto à porta e depois saindo. Um ou dois se viravam e saíam e depois os outros, esquecendo o que haviam visto nos segundos que levavam para virar e andar em direção à porta. Ele os via como integrantes de trupes teatrais. O cinema, pensou, é uma coisa solitária.

Janet Leigh no longo intervalo de sua inconsciência. Ele a via começando a jogar o roupão no chão. Compreendia pela primeira vez que o preto e branco era o único meio para o cine-

ma enquanto ideia, o cinema mental. Quase entendia por quê, mas não de todo. Os homens parados perto dele saberiam por quê. Para aquele filme, naquele espaço frio e escuro, ele era completamente necessário, o preto e branco, mais um elemento neutralizador, uma maneira de tornar a ação algo próximo à vida básica, uma coisa a recuar para dentro de suas partes narcotizadas. Janet Leigh no processo detalhado de não saber o que está prestes a acontecer com ela.

Então eles saíram, sem mais nem menos, já estavam andando em direção à porta. Ele não sabia como encarar esse fato. Aquilo o atingia pessoalmente. A porta deslizou, abrindo-se para o homem da bengala e depois o assistente. Eles saíram. Entediados, talvez? Eles passaram pelo guarda e saíram. Precisavam de palavras para pensar. Era esse o problema deles. A ação se desenrolava devagar demais para acomodar o vocabulário de cinema de que eles dispunham. Ele não sabia se isso fazia o menor sentido. Eles não conseguiam sentir o pulsar do coração das imagens projetadas naquela velocidade. O vocabulário de cinema de que eles dispunham, pensou ele, não se adaptava a varas de cortinas e aros de cortinas e ilhós. Tinham que pegar um avião, talvez? Eles se consideravam sérios, mas não eram. E quem não é sério não tem nada que estar ali.

Então ele pensou: sério a respeito de quê?

Alguém andou até um ponto da sala e projetou uma sombra sobre a tela.

Havia algo de esquecimento naquela experiência. Ele queria esquecer-se do filme original ou ao menos reduzir essa lembrança a uma referência distante, que não atrapalhasse. Havia também a lembrança dessa versão, vista e revista ao longo de toda a semana. Anthony Perkins como Norman Bates, pescoço de ave pernalta, rosto de ave em perfil.

O filme fazia que se sentisse alguém que assiste a um filme.

O significado desse fato lhe escapava. Ele ficava o tempo todo sentindo coisas cujo significado lhe escapava. Mas aquilo não era na verdade um filme, em sentido estrito, não. Era um vídeo. Mas era também um filme. Em sentido mais amplo, ele estava assistindo a um filme, cinema, uma imagem mais ou menos em movimento.

O roupão dela finalmente se imobilizando sobre a tampa da privada fechada.

O mais moço queria ficar, ele pensou, com seus tênis de corrida gasto. Mas foi obrigado a seguir o teórico tradicional com o rabo de cavalo, para não correr o risco de prejudicar seu futuro no mundo acadêmico.

Ou então o corpo caindo na escada, uma cena ainda distante, talvez horas antes de o detetive particular, Arbogast, descer a escada de costas, com um corte feio no rosto, os olhos arregalados, os braços a rodar, uma cena que ele relembrava de algum dia naquela semana, talvez até ontem, era impossível determinar os dias e as cenas. Arbogast. O nome profundamente aninhado como uma semente em algum nicho obscuro do hemisfério esquerdo do cérebro. Norman Bates e o detetive Arbogast. Eram os nomes que ele guardara ao longo dos anos que haviam se passado desde que vira o filme original. Arbogast na escada, caindo para sempre.

Vinte e quatro horas. O museu fechava às cinco e meia na maioria dos dias. O que ele queria era uma situação em que o museu fechasse mas a galeria ficasse aberta. Ele queria ver a projeção do filme do começo ao fim em vinte e quatro horas consecutivas. Ninguém poderia entrar depois que a projeção começasse.

Aquilo que ele estava vendo era história, de certo modo, um filme que todo mundo conhecia. Diverti-se com a ideia de que a galeria era como um lugar preservado, a cabana ou o túmulo

silencioso de um poeta morto, uma capela medieval. Lá está ele, o Motel Bates. Mas as pessoas não veem isso. Elas veem movimento fragmentado, fotogramas à margem da vida aturdida. Ele comprehende o que elas veem. Elas veem uma sala de morte cerebral em seis andares reluzentes atulhados de obras de arte. O filme original é o que tem importância para eles, uma experiência comum a ser revivida nas telas de televisão, em casa, com os pratos na pia.

O cansaço que ele sentia era nas pernas, horas e dias em pé, o peso do corpo em pé. Vinte e quatro horas. Quem sobreviveria, fisicamente e sob outros aspectos? Seria ele capaz de sair andando pela rua depois de uma noite e um dia ininterruptos vivendo naquele plano de tempo radicalmente alterado? Em pé no escuro, olhando para uma tela. Olhando agora, vendo a água dançando diante do rosto dela enquanto ela desliza ao longo da parede de azulejos estendendo a mão em direção à cortina do chuveiro para se firmar e interromper o movimento de seu corpo em direção ao último suspiro.

Uma espécie de dança no modo como a água cai do chuveiro, um movimento ilusório de balanço ou oscilação.

Ele sairia na rua esquecido de quem era e de onde morava, depois de vinte e quatro horas ininterruptas? Ou até mesmo nos horários atuais, se a mostra fosse estendida e ele continuasse voltando cinco, seis, sete horas por dia, semana após semana, seria possível para ele viver no mundo? Ele queria isso? Onde ficava o tal do mundo?

Ele contou seis aros. Os aros girando em torno da vara da cortina quando ela puxa a cortina para o chão junto com ela. A faca, o silêncio, os aros a girar.

É preciso prestar muita atenção para ver o que está acontecendo à sua frente. É preciso trabalho, um esforço concentrado, para ver aquilo para que você está olhando. Ele estava hipnoti-

zado por aquilo, pelas profundezas tornadas possíveis pelo movimento desacelerado, as coisas que havia para se ver, as profundezas das coisas tão fáceis de deixar passar na maneira habitual e superficial de ver.

Gente de vez em quando projetando sombras na tela.

Ele começou a pensar na relação entre uma coisa e outra. Aquele filme tinha a mesma relação com o filme original que o filme original tinha com a experiência de vida real. Era o distanciamento do distanciamento. O filme original era ficção, aquilo era real.

Isso não faz sentido, pensou, mas talvez faça.

O dia escorria, cada vez menos pessoas entravam. Depois, quase ninguém. Não havia outro lugar em que ele quisesse estar, no escuro, junto àquela parede.

O quarto parece deslizar sobre trilhos atrás do personagem. O personagem é que está se mexendo, mas o quarto é que parece se mexer. Ele encontrava interesse mais profundo numa cena em que só havia um único personagem para olhar, ou, talvez melhor ainda, nenhum.

A escada vazia vista de cima. O suspense está tentando se criar, mas o silêncio e a imobilidade são mais fortes que ele.

Ele começou a compreender, depois de todo esse tempo, que estava parado ali esperando por algo. O que seria? Era uma coisa fora de sua consciência até aquele momento. Ele estava esperando que uma mulher chegasse, uma mulher sozinha, alguém com quem pudesse falar, ali, junto à parede, aos cochichos, falar muito pouco, é claro, ou então mais tarde, em algum lugar, trocando ideias e impressões, o que eles tinham visto e como eles se sentiam em relação ao que fora visto. Era ou não era? Ele estava pensando que uma mulher entraria e ficaria olhando por um tempo, até encontrar um lugar junto à parede, uma hora, meia hora, era o bastante, meia hora, era o suficiente, uma pessoa séria, falando em voz baixa, com um vestido claro de verão.

Babaca.

Aquilo parecia real, paradoxalmente o ritmo era real, corpos se movendo musicalmente, quase sem se mover, dodecafonicamente, coisas quase não acontecendo, causa e efeito afastados um do outro de maneira tão radical que parecia real a ele, do modo como todas as coisas do mundo físico que não compreendemos são chamadas de reais.

A porta se abriu e havia um pouco de movimento na outra extremidade do andar, gente pegando a escada rolante, um vendedor passando cartões de crédito na máquina, outro jogando objetos dentro das sacolas grandes e elegantes do museu. Luz e som, monotonia sem palavras, sugestões de uma vida no além, um mundo do além, o fato estranho e luminoso que respira e come lá fora, a coisa que não está nos filmes.